O CLER
PORTUG

B. N. L.
10833

De todos os erros, que transviam o espirito humano, nenhuns são mais damnosos — porque nenhuns mais difficeis de destruir — do que esses que se aninham no entendimento á sombra de alguma grande verdade. Peccamos talvez mais vezes por tirar consequencias que se não continham nas premissas do que por não deduzir as illações dos principios. Em maiores absurdos caimos por demasias e falsidade de logica do que por carencia della. Prova plenissima da nossa proposição é o estado actual do infeliz clero portuguez.

Houve um tempo em que esta classe se assentava ao banquete do privilegio — ao banquete em que dentro de poucas horas se devorava o fructo de muitos dias de trabalho do homem laborioso e opprimido: era então esta uma classe forte e temida, e os thronos dos reis vacillavam tocados da sua mão como as montanhas, por nos servirmos de uma expressão da Biblia, tocadas da mão de Deus. Poderosa como os mais poderosos era como elles tyrannica, e orgulhosa: — enxertada na raça feudal, povoou de ameias o presbiterio, o mosteiro, o paço episcopal; e o sacerdote — cavalleiro partindo o cingulo

puro da virtude e innocencia cingiu-se como os oppressores do mundo com o cincto de pedra do alcacer fortificado. Fez mais: a espada e a armadura eram os titulos do nobre secular para vexames e espoliações: o nobre sacerdote tambem tinha um saio de malha e um montante pesado; mas para este bastava-lhe uma das mãos; com a outra ía revolver no fundo dos corações os terrores religiosos nessas eras em que o terror era religião, e em quanto o alchimista envelhecia e morria a procurar inutilmente a pedra philosophal sobre o abrazado cadinho, o sacerdote sem empallidecer sobre os livros ou juncto da fornalha encendida, convertia em ouro os sustos de consciencias ignorantes e timidas. Opulento por dous modos — tendo a terra a seus pés e o céu a seu mandar — grosseiro e rude no meio de uma sociedade rude e grosseira, não soube conter sob uma capa hypocrita a dissolução, gangrena que se gera inevitavelmente da não-suada opulencia: — o sacerdote foi francamente dissoluto, oppressor, cubiçoso, vingativo: francamente renegou por obras do evangelho, em quanto o acatava de palavras; por obras cuspiu na face do Christo, em quanto lhe queimava incensos e lhe entoava hymnos. E' doloroso contemplar o estado da Igreja no largo periodo que discorre desde o decimo até o decimo quinto seculo; a cada passo, atravez das chronicas, dos diplomas, de toda a casta de monumentos, enxerga-se a lepra, respira-se o cheiro pestilente das ulceras que a roiam. O clero attulou-se no charco dos vicios e das brutesas, e como um homem ebrio, perdido por noite tempestuosa, esqueceu-se d'onde partira e para onde caminhava; esqueceu-se daquelle em cujo nome viera, e da missão divina que lhe fora confiada quando o madeiro do Golgotha oscillou com o ultimo arranco da larga agonia do JUSTO.

Veio o seculo desesseis: com elle veio a monarchia absoluta — essa grande civilisadora e moralisadora das nações modernas: — a nobresa e o clero modificaram-se pelo seu influxo — civilisaram-se — e como a civilisação nada mais é que a formula profana do christianismo, o clero começou a ser verdadeiramente christão. Desde essa epocha elle caminhou sempre em ascensão progressiva pela via escabrosa e ingreme da moralidade, e se não se abraçava com a cruz, isto é, se não se ajustava exactamente com a formula religiosa do evangelho era porque na reforma que deveu á monarchia houvera um deffeito essencialissimo.

O clero feudal havia como dissemos, excedido muito a fidalguia de solar e alcacer em accumular riquezas. A's rendas provenientes do senhorio da melhor porção das terras de Portugal; a essa multidão de foros, de direitos reaes, de direitos baraes, de serviços pessoaes e de alcavalas absurdas, ajunctara contribuições em nome de Deus; ao fructo da grandesa e piedade dos reis accrescentara os precalços dos remorsos ou das esperanças do criminoso moribundo, ou do ascetico enlevado nas grandezas do céu. Muito antes de ser substituido o systema dos tributos locaes de foral pelo dos tributos e pedidos geraes: muito antes de D. João 1.º, o clero tinha inventado, consagrado, e pouco a pouco intruduzido entre os preceitos da igreja a contribuição geral dos dizimos, como um direito divino. Assim era esta sómente a classe a que na primeira metade do seculo desesseis se podia dar o nome de opulentissima, em quanto o reino se achava em grande miseria, consequencia necessaria das nossas gloriosas e dezassisadas emprezas maritimas, como bem notava o papa Paulo 3.º nas instrucções secretas dadas ao coadjutor de Bergamo, mandado por nuncio á corte de D. João 3.º As reformas da

monarchia não tinham chegado á bolça do clero, e foi isto quem o perdeu.

A colera popular accumulada até então contra o sacerdocio pelas vexações e desconcertos ecclesiasticos, continuou a engrossar, não já por esses motivos, mas pela comparação cheia de azedume que o miseravel costuma fazer entre si e o opulento: — mas pela tradição de antigos odios d'avós — mas se o quizerem, por inveja dos commodos e riquezas do corpo ecclesiastico. Esta colera latente e comprimida quasi sempre, só resfolgava quando o homem do povo achava uma tribuna onde podesse dar testemunho do cancro que lhe roia o coração. Esta tribuna era difficultoso encontra-la nessa epocha, e mais difficultoso o apparecer orador que a ella subisse: — quasi que não havia senão as taboas mal acepilhadas de um theatro nascente, ou a encruzilhada onde o truão fazia rir a gentalha com suas satyras as mais das vezes immundas. Dous homens, porem, nascidos entre os humildes, surgiram do meio delles, para legarem á posteridade a memoria da tempestade moral que agitava o espirito do gigante de muitas cabeças. Pelos autos de Gil Vicente cuspia o povo golfadas de fel e de injurias sobre a fronte do clero: nos dictos mordentes de Antonio Chiado resumia as affrontas e pragas que contra o estado ecclesiastico sussurrariam mil vezes com som affogado pelas tabernas, e guaridas fetidas da miseria e dissolução. Não é, por via de regra, na historia que se estuda a vida intima do povo: estuda-se nos munumentos que elle pobre, fraco, e ignorante sabe melhor deixar sobre a terra que mordeu nos dias de suas angustias, que o abastado, poderoso, e intelligente sobre o chão que pizou nos dias da sua soberba e deleitosa existencia.

Depois as gerações continuaram a dar o preço

do seu suor para as pompas do clero, e a enthesourar a sua má vontade para o dia da vingança. Este chegou, e a colera popular foi cega e bruta como são todas as grandes coleras. O clero ficou litteralmente anniquilado, e nós todos os homens do povo batemos as palmas—digamo-lo em boa consciencia,—sem saber o que faziamos. E' por isso que devem perdoar-nos; Deus á nossa intelligencia, a Posteridade á nossa memoria.

Até onde era razoavel, e justa esta colera? A' resposta a semelhante pergunta contem necessariamente em sí o julgamento do que praticamos, e a exposição do que deviamos praticar. Para fazer com methodo e clareza uma e outra cousa, cumpre-nos retroceder outra vez a antigas eras.

E' notavel que quando o absolutismo começou, semelhante a Deus na unidade dos seus pensamentos, a discriminar e ordenar o cháos da edade media; quando subjugou a altivez e anniquilou a independencia das duas classes privilegiadas — nobresa e clero, —em ambas estas classes acontecesse um phenomeno identico; isto é que cada uma dellas se dividisse em dous corpos distinctos. Dos nobres uns acceitaram o jugo real, comprazeram-se no proprio abatimento, e beijaram a mão que os opprimia para que ao menos os enriquecesse; outros soffreram o jugo, mas não o acceitaram: dissiminaram-se pelas provincias; extraviaram-se pelas solidões das conquistas de alem mar, e lavradores ou soldados morreram junto ao arado com os olhos fitos nos brazões de seus avós, ou como seus avós cavalleiros deixaram a vida nos gumes das espadas infieis. Perderam estes homens honrarias, que não honra: mas guardaram o que havia bello e poetico nos costumes feudaes. O nobre provinciano, o soldado pobre e illustre da India são dous typos que representam uma idéa unica, a resistencia

passiva ás transformações sociaes. Contrista ver estas almas puras e generosas que não comprehendiam a necessidade irresistivel do seu tempo, luctarem debalde contra a fatalidade; porque uma especie de fatalidade — a providencia — preside ao caminhar das nações. Mas o que diz o coração ácerca daquelles que comprehenderam a epocha a que eram chegados?! Guardamos para nós o que nos diz o nosso a semelhante respeito.

Esta aristocracia que fugia do povo, recusando assentar-se junto delle aos pés do throno, veio por isso mesmo misturar-se mais depressa com elle. Em que ficou consistindo a differença do lavrador fidalgo ao lavrador peão? Em ter este menos algumas geiras de terra e por ventura menos algumas virtudes. Em que se distinguiu o aventureiro illustre da India do aventureiro vulgar? O ferro das lanças era igual; os cossoletes eram da mesma tempera, só o do nobre tinha a differença de resguardar um coração que a memoria aguilhoava com a tradição das façanhas de muitos avós: isto não produzia senão o encargo de dormir eternamente á sombra das palmeiras da Azia, ou nas profundezas dos mares, com mais algumas cicatrizes no peito.

Entre o clero aconteceu o mesmo, e ainda a scissão foi mais completa. D'antes, o bispo, ou o abbade alcaide mor não levava a melhoria em ignorancia, em cubiça, e em dissolução ao ultimo clerigo da sua diocese, ao ultimo monge do seu mosteiro. Os documentos da edade media provam-no exuberantemente. Corporação ligada e compacta, mais que a aristocracia, a sua divisa era um por todos; todos por um. Sem consciencia da dignidade da egreja nacional, bésteiro espiritual da guarnição posta no reino pelo papa, cuja granja este era; abrigado á sombra do vaticano, sombra espessa e pe-

sada, como a dessas noites de inverno da extrema Europa, o pastor de cem ovelhas esfolava-as ao tosquia-las, com o mesmo desempeno e animo folgado com que o seu prelado maior, o coudel da pioada papal, as escorchava aos milhares. Muitas vezes a aristocracia vinha aos magotes cair sobre o presbiterio ou mosteiro, como um bando de estorninhos em azeitona madura: dentro em um ou dous dias, as cavallarias, jantares, cazamentos, e de mais machinas de rapina feudal, devoravam a substancia da egreja, adquirida em um anno, mas o sacerdote desforrava-se nos colomnos, e saldava com os opprimidos o debito dos oppressores. Assim os quatro grandes flagellos de Portugal na edade media eram Castella, o clero, a peste, e a fidalguia.

Quando as armas dos reis contiveram ousadias de Castella, e a sua policia pouco a pouco affugentou a peste; tambem o peso do throno esmagou a nobreza, e fez curvar o clero.

Vimos como os nobres acceitaram esse facto; vejamos como o acceitou a egreja.

Até esta epocha a egreja lusitana dividia-se em hierarchias: esta divisão estava consignada na doutrina primitiva: era essencialmente christan: d'ahi em diante a hierarchia subsistiu até certo ponto; mas o que carecterisa o novo modo de existir do clero é a divisão dos seus membros em aristocracia e plebe: divisão profanissima, odiosa, antichristan. A monarchia deixou ao clero a maior parte das suas riquezas, e só exigiu delle compostura, illustração, e moralidade: estas riquezas, porém, serviram para produzir a scissão a que já alludimos, muitas vezes um frade era mais alto senhor que todos os frades junctos; um simples clerigo não só de maior vulto que um parocho, mas até que um prelado diocesano. As commendas, os isentos,

os beneficios, as collegiadas, e até a inquisição, todos esses abusos e monstruosidades, que tinham nascido obscuramente na confusão dos costumes e ideas, em que por cinco seculos se debateu a Europa inteira, cresceram e vigoraram, plantas parasitas e estranhas, na arvore frondosa da egreja, que as nutria sem custo em quanto a oppressão feudal, a extrema ignorancia, e a frequencia dos grandes crimes, a cada momento lhe renovavam abundantemente a séve. Mas quando as extorsões não legalisadas deixaram de ser permittidas; quando algumas missas começaram a bastar para amortecer o fogo do purgatorio, que, mais violento nas eras tenebrosas, só se apagava atirando-lhe o moribundo com bens urbanos e ruraes, com o ultimo lençol e com a ultima almucella que possuia; quando a força e a civilisação desbastaram a seara dos crimes; o clero obrigado a viver com o que possuia, e que era de um valor espantoso, não soube ou não quiz repartir fraternalmente, e foi então que distinctamente appareceram duas especies de clero — uma que comia e não trabalhava, outra que trabalhava e não comia — esta plebe, aquella aristocracia.

Uma justiça faremos nós aqui, e é que tambem desde então até hoje o clero portuguez não deu um só passo retrogrado na estrada do progresso intellectual e moral. Quer na classe opulenta e quasi sempre ociosa; quer na classe pobre, ou antes miseravel, e laboriosa, de seculo para seculo o clero se tornou cada vez mais respeitavel em costumes e sciencia. E dizemos isto tanto do secular como do regular. Os que nestes ultimos tempos queriam extinctas as ordens monasticas, levados dos erros e calumnias insensatas que ácerca dellas corriam entre o vulgacho (porque ha muito vulgacho, ás vezes até entre os que occupam os primei-

nos cargos da republica) não sabiam porque o queriam, e ignoravam completamente a antiga historia monastica. O termo do monachismo tinha chegado, porque este havia deixado de ter uma significação social; mas como corporação considerada em sí, elle valia hoje incomparavelmente mais que certas corporações truanescas e obscuras, que o substituiram; e nós respeitamos mais, em geral, os seus membros dispersos entre cujos despojos de vencidos ainda não achamos uma fatia de pão para lhes matar a fome, que todos esses grandes homensinhos, que se pavoneam orgulhosos, porque apanharam no ar, atiraram ao chão, e calcaram aos pés o fructo que já cahia desprendido da arvore por excessivamente maduro, ou que semilhantes á mosca da fabula, empoleirada na lança do carro tirado por cavallos possantes, tomam modestamente para si o logar de *causas*; o logar do fatalismo humanitario, do qual apenas são, por circumstancias imprevistas, grosseiros e mal-affeiçoados instrumentos.

Dividido assim o clero desde o seculo 16 deveriamos estudar a sua historia na especie aristocratica e na especie plebea; no sacerdocio cortesão e no sacerdocio rural; mas esse estudo é assaz complicado e extenso para por sí só formar parte da historia da civilisação do nosso paiz: basta que as consideremos no principio deste seculo em que a casta nobre, a dos bramenes da egreja, tinha subido ao zenith da sua opulencia, e a casta humilde, a dos pariahs do sacerdocio, tinha descido ao nadir da pobresa e do abatimento.

Com effeito se lançamos os olhos para essa época visinha, que observamos no estado economico do nosso clero? Em quanto os bispos, os successóres dos apostolos, disfructam desenas de mil crusádos, que se escoam, não para as mãos dos po-

bres, mas para o fausto dos palacios, das mezas, dos criados, das librés; para crear avultados patrimonios aos parentes e clientes; em quanto os conegos esquecidos completamente dos fins de sua instituição só curam de vejetar no santo ocio cantado pelo auctor do Hyssope; em quanto um abbade effectivo ou reservatorio de abbadia opulentissima espalha os grossos dizimos, fructo do suor dos seus abandonados parochianos, em deleites cortesãos; em quanto a nobresa secular é convidada ao banquete sacerdotal dos dizimos applicados a commendas; em quanto a patriarchal, typo caracteristico da oligarchia ecclesiastica, semilhante a um enorme cetaceo devorando cardumes de peixes, devora as contribuições pias de um cardume de parochias; em quanto finalmente por toda a parte se não vê no sacerdocio de previlegio, senão o luxo e o desperdicio, contra que tão violentamente se alevanta o antiquario S. Rosa de Viterbo, o frade que em Portugal houve mais respingão, porque franciscano, e mais revolucionario, porque mendicante; em quanto, dizemos, se offerece por um lado este quadro de abundancia, de demasia e d'intulidade, pelo outro vemos surgir o parocho rural o cura d'almas, o verdadeiro operario da granja religiosa, percebendo uma congrua insignificante, vestido de burel ou quasi de farrapos, e estendendo a mão aos que a providencia lhe deu por filhos na fé, e que são tão pobres como elle, para obter uma esmola talvez o preço de uma simonia involuntaria, vendo ás vezes á porta da sua humilde morada assentar-se a fome, e perdendo-se o seu inutil queixume no ruido incessante das carroças douradas dos lautos convites, do rir folgado e bem aventurado dos gordos, vermelhos, e anafados bispos, conegos, abbades, commendadores, principaes, monsenhores, beneficia-

dos, capellões, e castrados, tiples e contraltos; vendo, por fim, uma avultadissima porção desse gravoso tributo da decima parte de todos os fructos da terra, tirado n'outro tempo á igreja para supprir os que militavam além mar pela gloria da cruz, entregue a mãos imbelles de homens corruptos e alindados, que nada herdando dos brios de avós, em vez de despender esse patrimonio sacrosanto em polvora e ferro para defender ou engrandecer o nome da sua Patria e do seu Deos, o derramavam em essencias e adornos no regaço das mulheres perdidas; em vinhos e manjares na embriaguez dos banquetes; em jogos, em danças, em prostituições mal disfarçadas, por noutes de saraus e bailes; finalmente em uma vida que seria tudo, menos expressão de um pensamento de christianismo.

Eis o estado em que se achava a ordem ecclesiastica ao sobrevirem as nossas transformações sociaes de 1833, unicas positivas e importantes que entre nós tem havido. Este estado indicava até onde a reacção popular (1) devia chegar nesta parte, indicava que era necessaria uma reforma e não uma anniquilação.

---

(1) Chamamos-lhe popular porque os homens que redusiram a factos essa reacção que tinha amadurecido na generalidade dos espiritos eram homens saidos do meio do povo, sustentados pelas baionetas do povo, e possuidos das idéas vulgares de reforma. Entre elles, pela maior parte intelligencias limitadissimas e crassissimas, só havia um homem capaz de applicar a philosophia á politica: era o homem que tornou impossivel o Governo absoluto em Portugal, o Sr. Mousinho da Silveira: e todavia quantas vezes se deixou elle arrastar por idéas insensatas do vulgo!

Mas a colera do povo enthesourada por seis seculos passou como o simum do deserto, e atraz della só ficaram ruinas e exterminio : o espirito publico raciocinou mal quando disse : a aristocracia da egreja devorou impiamente a substancia do homem de trabalho por muitos seculos; logo anniquilemos a egreja. A consequencia devia parar nessa aristocracia.

Não teriam os parochos de Portugal o direito de nos dizerem estas duras palavras?

Povo! a tua colera foi generosa e santa quando com o sopro dos teus pulmões de bronze arremessaste para as solidões do nada os escabellos dourados em que se assentavam os oligarchas e parasitas da egreja.

" Povo! — a tua colera foi cega, bruta e feroz quando estendeste a tua fatal maldição até nós, até o homem chamado parocho, innocente nas prevaricações e abusos, de que tambem elle como tu fora victima.

Quem era esse homem?

" Era aquelle, que sem familia, sem esposa, sem filhos, segundo a sociedade, e solicitario no mundo, derramava sobre a cabeça de seus filhos segundo o Evangelho, a torrente de amor e de piedade que brotava do seu coração.

,, Era aquelle que ha tres seculos se fizera plebeu como tu, para chorar comtigo a tua miseria; que tomava para si um quinhão nas tuas amarguras, que, bem como tu, comia um pão negro, comprado por preço de continuas fadigas.

,, Era o que, atravez de serranias por noites tempestuosas hia levar as consolações do christianismo ao pobre moribundo, que se assentava á cabeceira da enxerga meia podre na choupana do mendigo, do homem de trabalho a quem a decrepidez trazia a hora de morrer á fome, e que re-

partia com elle as migalhas que os oligarchas lhe atiravam das suas mezas explendidas.

,, Era aquelle que doutrinava os teus filhos; que hia assentar-se debaixo do carvalho do presbiterio, e ahi como os réis primitivos ensinava os rudes, conciliava os inimigos, admoestava os errados, compunha os litigantes, aconselhava todos.

,, Era aquelle, que suppria com a sua intelligencia a ignorancia do aldeão, interprete muitas vezes dos seus desejos, dos seus temores, das suas esperanças.

,, Era aquelle que quasi sempre impunha silencio com affagos aos primeiros vagidos da infancia dessocorrida e misera, e que recolhia o ultimo suspiro do velho, abrindo-lhe de par em par as portas do eterno repouso.

,, Era aquelle que, tendo ajuntado por muitos annos titulos innegaveis á tua gratidão, devia esperar o dia em que tu fosses forte e vingador para o recompensares no que podias; — na millessima parte do que tu, teus pais, e teus avós lhe deviam:

,, Conta-se que o Leão, a quem o servo fugidiço por brenhas aliviará de um espinho doloroso, viera lamber-lhe as mãos, e deitar-se a seus pés no circo em que o encontrou, e onde o escravo fora lançado para ser prêsa das bestas-feras.

,, O teu rugir, oh povo, é como o de leão; mas o teu furor é como o do tigre; porque despedaças amigos e inimigos; porque ingrato esqueces quando reinas os beneficios que recebeste quando gemias vilipendiado e oppresso. ,,

Na verdade nós não teriamos que responder a estas justissimas invectivas.

A extincção dos dizimos tornava-se uma providencia necessaria quando se tractava de reconstruir o velho e carcomido edificio social: os dizimos eram

um tributo feudal; porque nelle do mesmo modo que em quasi todos os tributos das eras tenebrosas se consideravam a bem dizer, exclusivamente como materia de impostos os valores ruraes, a industria agricola. Os dizimos como os foraes e emprasamentos foraleiros nasceram desta idéa já então falsa, porque já então havia outros valores, e outras industrias, mas que hoje não é só falsa — é absurdissima. Por outra parte era este o unico meio de cercear d'um golpe os abusos do oligarchismo ecclesiastico. Como uma hera enredada por arvore gigante, cujos torncos se quizessem desenredar do abraço parasita da planta, só arrancada pela raiz deixaria a arvore vecejar limpa e desembaraçada, assim os dizimos derivados completamente dos fins de sua instituição para objectos profanos, só cahindo de um golpe levariam comsigo essa meada inextricavel d'abusos enxertados nelles. Os cancros sociaes são como os physicos, ou se arrancam inteiros, ou não se curam.

E' claro, porém, que não bastava isto. Dos antigos tributos ecclesiasticos, bem que chorados e raivados alguns seistis chegavam á humilde morada do parocho. Extinctos os dizimos, nem esses mesmos poucos seitis lhe restavam. Até ahi elle vivia na estreiteza e muitas vezes na penuria: d'ahi avante nem assim pôde viver.

Facil é de perceber que o defeito não esteve na suppressão do rendimento ecclesiastico: esteve na falta de uma substituição a elle, e da sua applicação justa e moral: mas a reacção contra os culpados abrangeu os innocentes, e a classe mais respeitavel do nosso paiz morria litteralmente de fome, quando sobreveio a Revolução de 1836.

Então appareceu uma lei cujo fim parecia ser o remediar este mal; mas cuja essencia não era se não o resumo da perseguição feita anteriormen-

te ao clero: era a ultima expressão de desprezo: era o erguer um cadaver do seu ataude, dizer-lhe — vive! cuspir-lhe na face, dar uma gargalhada: e atira-lo a uma valla immunda: era arrastar o parocho nú e moribundo, e deitá-lo á porta do presbyterio com uma escudella sobre o ventre onde recolhesse as esmollas insultuosas dos que passassem: era uma lei impia como as mais impias; immoral como as mais immoraes: era a quinta essencia da ingratidão popular.

Precisamos acaso de o demonstrar? O negar que tal lei é tudo isso, fora desmentir a razão e a experiencia. Ninguem por certo ousaria faze-lo.

E todavia o pensamento atroz desta lei, á hora em que escrevemos, ainda é o de uma lei do paiz — ainda é o pensamento da lei actual da subsistencia do clero!

Infamia e atrocidade!

Vós, por uma providencia policial obrigastes alguns mendigos a prover-se de um titulo para mendigar: pregastes no peito de alguns uma chapa de metal, uma especie de sello de miseria, de ferrete de desventura. Fazei o mesmo aos parochos, mas abrogae a vossa lei absurda e immoral.

Ao menos elles poderão como os sacerdotes primitivos acceitar a occultas a esmola dos fieis na estrada solitaria, no portal escuro, na escada não frequentada, e a esmola dos fieis será ao menos enthesourada nos ceos porque será voluntaria.

Mas não! Vós quereis que o pastor invoque a piedade das suas ovelhas na praça publica, á luz do, sol no meio dos motejos e affrontas da gentalha, ouvindo pragas e blasphemias contra si e contra o Christo, e trazendo no rosto repassado d'angustia escriptas estas palavras:

" *Atirai-me com alguns reaes d'esmola, segundo ordena o artigo tantos da lei de tantos de tal mez do anno tal.* ,,

E que o povo lhe responda:

" *Não queremos!* ,,

Porque o povo, idolatra ha dous dias, é hoje philosopho, daquella philosophia de ignorancia e de corrupção, que vós, e só vós lh' ensinastes.

Se continuarmos a caminhar por esta estrada de perdição, o lio mais forte da sociedade " o sacerdocio ,, desapparecerá; o templo do Crucificado esquecido pelos homens cairá em ruinas, mas a nação ficará esmagada debaixo dellas.

Ai dos que abominam a cruz, porque a cruz é eterna! Quem passa como sombra van são os homens e as suas paixões, as gerações e os seus crimes, os povos e as suas leis insensatas.

LISBOA = 1841.

TYPOGRAPHIA DO CONSTITUCIONAL.

Rua do Loreto n.° 39.